

## Evocações históricas do liberalismo em Raul Brandão

### Historical evocations of liberalism in Raul Brandão

### Évocations historiques du libéralisme à Raul Brandão

### Evocaciones históricas del liberalismo en Raul Brandão

Maria Otilia Pereira Lage

CITCEM

Universidade Lusófona do Porto

otilialage@sapo.pt

**Resumo:** O objetivo deste artigo, em contexto de centenários comemorativos, consiste em refletir, cruzando estudos históricos e literários, sobre a singularidade que trazem para o discurso historiográfico contemporâneo do liberalismo português, os trabalhos de matriz histórica e modernidade do escritor Raul Brandão, intelectual de transição e rutura no entre séculos, os quais continuam a interpelar-nos. Incide na análise interdisciplinar de um *corpus* brandoniano de componente histórica e grande rigor documental: *El-rei Junot*; *1817-Gomes Freire de Andrade*; e *Prefácio e Notas a O Cerco do Porto*, três obras publicadas entre 1912 e 1915, fase de maturidade literária e cívica do autor. Estes trabalhos envolvem eventos político-militares de profundo sentir social fundadores da construção do liberalismo nacional, processo histórico conturbado de afirmação das liberdades. O corpus analisado comprova de maneira rigorosa e detalhada, a ideia inovadora da escrita e mundivisão histórica do escritor do Porto, constituindo um bom contributo para o estudo da obra de Raul Brandão e do próprio liberalismo.

**Palavras-chave:** Raul Brandão; liberalismo português; história-literatura; interdisciplinaridade; séculos XIX – XX.

**Abstract:** The purpose of this article, in the context of the celebration of centenarians, is to reflect, crossing historical and literary studies on the singularity they bring to the contemporary historiographic discourse of Portuguese liberalism, the works of historical matrix and modernity of the writer Raul Brandão, intellectual of transition and rupture between two centuries, which continue to challenge us today. It focuses, in an interdisciplinary perspective, on the Brandonian corpus of historical component and documentary rigor. *El-rei Junot*, *1817-Gomes Freire de Andrade*, and *Preface and Notes to O Siege of Porto*, published works between 1912 and 1915, a stage of literary and civic maturity of the author, which involve political-military events of social relevance in the construction of our liberalism, a troubled historical of affirmation of freedoms. The analyzed corpus proves in a rigorous and detailed way, the innovative idea of writing and historical worldview of the writer from Porto, constituting a good contribution to the study of Raul Brandão's work and liberalism itself.

**Keywords:** Raul Brandão; Portuguese liberalism; history-literature; interdisciplinary; 19th –20th centuries.

**Résumé:** Le but de cet article, dans le cadre de la célébration des centenaires, est de réfléchir, croisant études historiques et littéraires, sur la singularité qu'elles apportent au discours historiographique contemporain du libéralisme portugais, les œuvres de matrice historique et de modernité de l'écrivain Raul Brandão, intellectuel de transition et rupture entre deux siècles, qui continuent de nous interpeller, aujourd'hui. Il se concentre, dans une perspective interdisciplinaire, sur le corpus brandonien de composante historique et de rigueur documentaire: *El-rei Junot*, *1817-Gomes Freire de Andrade*, et *Préface et Notes à O Siege of Porto*, œuvres publiées, entre les années 1912 et 1915, phase de maturité littéraire et civique de l'auteur, qui impliquent des événements politico-militaires d'importance sociale dans la construction de notre libéralisme, un processus historique troublé d'affirmation des libertés. Le corpus analysé prouve de manière rigoureuse et détaillée, l'idée novatrice d'écriture et de vision du monde historique de l'écrivain de Porto, constituant une bonne contribution à l'étude de l'œuvre de Raul Brandão et du libéralisme lui-même.

**Mots clés:** Raul Brandão; Libéralisme portugais; histoire-littérature; interdisciplinarité; XIXe-XXe siècles.

**Resumen:** El propósito de este artículo, en el contexto de la celebración del centenario, es reflexionar, cruzando estudios históricos y literarios sobre la singularidad que aportan al discurso historiográfico contemporáneo del liberalismo portugués, las obras de matriz histórica y modernidad del escritor Raul Brandão, intelectual de transición y ruptura entre dos siglos, que siguen desafiándonos hoy. Se centra, en una perspectiva interdisciplinar, en el corpus Brandon de componente histórico y rigor documental: *El-rei Junot, 1817-Gomes Freire de Andrade*, y *Prefacio y Notas a O Siege of Porto*, trabajos publicados entre 1912 y 1915, una fase de madurez literaria y cívica de Brandão, que involucra hechos político-militares de relevancia social en la construcción de nuestro liberalismo, un proceso histórico turbulento de afirmación de las libertades. El corpus analizado demuestra de manera rigurosa y detallada, la idea innovadora de escritura y cosmovisión histórica del escritor oporto, constituyendo una buena contribución al estudio de la obra de Raúl Brandão y del propio liberalismo.

**Palabras llave:** Raul Brandão; Liberalismo portugués; historia-literatura; interdisciplinariedad; Siglos XIX-XX.

## Introdução

É mais frequente Raul Brandão (1867-1930), autor de uma obra multifacetada e complexa, militar de carreira, pintor, memorialista, publicista, colaborador de jornais e revistas<sup>1</sup>, ser apresentado e reconhecido em estudos de literatura portuguesa contemporânea<sup>2</sup> como escritor de múltiplas influências de pensamento e mestre de grandes nomes da literatura nacional.<sup>3</sup> Bem menos estudado é o inovador significado da sua antológica prosa historiográfica, designadamente, a que incide sobre o liberalismo, período marcante da modernidade histórica de Portugal que Brandão indaga a partir da sua vivência da I República, e sobre o qual escreve na fronteira entre história e literatura.

Raul Brandão interroga e narra com rigor e minúcia acontecimentos político-militares chave, aos quais não é alheia a sua experiência militar de carreira, passado à reserva em 1912, a partir de quando passou a publicar os seus trabalhos de vocação histórica, marcados pela acuidade da questão social e valores de justiça e liberdade.

<sup>1</sup> Colaborou, entre vários periódicos, na *Revista Águia e Renascença Portuguesa* e integrou o *Grupo da Biblioteca*, quando Jaime Cortesão dirigiu a Biblioteca Nacional de Lisboa, e o grupo fundador da *Revista Seara Nova* (1921) que se propôs reformar a mentalidade portuguesa pela ação pedagógica e política. Cfr. RODRIGUES, Ernesto (2013), “Raul Brandão entre jornais”, *Delphica: Letras & Artes*, nº 1, pp. 137-146; ROSAS, Vasco (org.) (2013), *A Pedra ainda espera dar Flor. Dispersos*, Lisboa, Quetzal.

<sup>2</sup> PIERINI, Magna Tânia Secchi (2014), “Notas sobre o percurso receptivo da obra de Raul Brandão”, *Acta Scientiarum Language and Culture*, 36 (1): 11; SARAIVA, António José; LOPES, Óscar (1978), *História da literatura portuguesa*, 10ª ed., Porto, Porto Editora; MOURÃO-FERREIRA, David (1969), *Tópicos de crítica e de História literária*, Lisboa, União Gráfica; ANDRADE, João Pedro de (1963), *Raul Brandão, a obra e o homem*, Lisboa, Arcádia.

<sup>3</sup> MACHADO, Álvaro Manuel (1984), *Raul Brandão entre o romantismo e o modernismo*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação.

Em “El-rei Junot” (1912) trata, magistralmente, os antecedentes do liberalismo português - invasões napoleónicas e guerra peninsular, concluindo que “se a França tem continuado a bater-se por um ideal estavam com ela os povos oprimidos... Napoleão... desvirtuou a revolução... atrasou o mundo um século” (Brandão, 1974:317). Em “A Conspiração de 1817” (1914) documenta com pormenor os prenúncios da Revolução liberal de 1820, que analisa com invulgar perspicácia. E irá enaltecer, no Prefácio e Notas a “O Cerco do Porto...” (1915), o estoicismo dos portuenses liberais na resistência vitoriosa ao absolutismo miguelista (1832-1833). Na última fase de sua vida, Raul Brandão prosseguirá ainda, com aturada reflexão crítica e cívica, a escrita memorialista dos últimos tempos da Monarquia Constitucional e da I República que lhe pôs termo, período histórico que vivenciou de perto, deixando sobre o mesmo, depoimentos impressionantes, nas suas “Memórias” (1º vol., 1919), (2º vol, 1923), (3º vol. - Vale de Josafat, 1933, ed. póstuma).

Note-se que, apesar de o autor se encontrar já numa fase de maturidade literária, “até à década de 1920, o prestígio de Raul Brandão deve-se menos à sua obra ficcional do que a um conjunto de ensaios sobre temas históricos, dentro de uma linha reflexiva que se prolonga nas suas Memórias [...] dedica[ndo]-se ao estudo de temas históricos que o apaixonam [...] onde a história se recria à luz do drama trágico e grotesco das figuras que a protagonizam” (Reynaud, 2008).

Sinaliza-se assim que os ensaios brandonianos sobre temas históricos, que focam acontecimentos políticos, militares e sociais de períodos marcantes da história moderna e contemporânea nacional, começaram por ser os de maior prestígio no conjunto da obra do escritor. Só por si, o carácter excepcional da receção destes estudos, quando a importante obra literária de Raul Brandão era já então reconhecida, interpela qualquer historiador sobre o que neles haverá de tão especial que tenha merecido essa notoriedade.

Neste entendimento, a nível conceptual e metodológico, procede-se a uma releitura interpretativa dessa série de trabalhos em que Brandão procura “nas raízes” e não “nas aparências”, como o próprio acentua, a génese da liberdade e da democracia em Portugal na busca do sentido de justiça. Esboça-se esta análise através de breves, mas demonstrativas sínteses das principais ideias-força do autor, contextos de produção e publicação dos três ensaios de forte componente documental e histórica, identificadas neste *corpus* brandoniano. Considera-se, por fim, numa perspetiva teórica da história à

luz da desconstrução derridiana, que essas evocações históricas do liberalismo em Brandão, autor de uma obra original, filha de seu tempo, mas que em muito se lhe adiantou, se mantêm atuais ao permitirem interpelar a nossa contemporaneidade. Assim, o presente artigo estrutura-se em três rubricas interrelacionadas e complementares: 1. Raul Brandão por dentro da história; 2. Evocação/invocação histórica do liberalismo em Raul Brandão: Sequências; 3. Escrita historiográfica brandoniana e “Desconstrução”.

Como se depreende, o argumento central deste artigo é amplo e complexo. Induz várias reflexões teórico-metodológicas que este espaço não permite explorar com profundidade. Porém, na perspectiva interdisciplinar seguida, tal não significa menor rigor conceptual cujo exercício pressupõe uma atitude de liberdade científica, alicerçada em diálogo e construção e direcionada a inovar e criar conhecimento.

### 1. Raul Brandão por dentro da história

“Extraordinário pequeno povo com o qual foi possível fazer-se uma história admirável! Passou fome, dizimaram-no as pestes. A anos estéreis sucediam-se anos estéreis. Trabalhos forçados. E do passado não nos chega uma queixa [...] Dava a minha vida para fazer a história deste povo e para demonstrar a importância do trabalho dessas massas obscuras colaborando na evolução das formas sociais, que às vezes me aparecem em toda a sua nudez [...] O que é preciso é criar quanto antes novas elites. [...] que nos conduzam para a beleza e para a justiça. (Brandão, 2017: 591-601)

O autor, confiante na capacidade de realização das “formas sociais” e da resistência das massas laboriosas silenciadas, termina este último volume das suas “Memórias” com este emblemático texto, “O sangue”, síntese interpretativa crítica da história de Portugal desde as origens discorrendo sobre nação, pátria, populações, sociedades, dirigentes, classes sociais. Neste seu manifesto, construído a partir de breves notas historiográficas e etnográficas, dados político-económicos e socioculturais, com exemplos da literatura clássica, Brandão argumenta que “desde Alcácer Quibir faltam o que na tropa se chamam quadros – faltam as elites, e por contraposição a estas, causa principal da nossa decadência”, louva o povo anónimo, pugnando por mais beleza e justiça.

Sobre a constância de uma latente invocação histórica e memorialística de Brandão, vale a pena aludir ao processo construtivo de *Memórias*: “É a sua atenção à história viva, *in fieri*, que explica o vasto acervo de notas coligidas ao longo de muitos

Maria Otília Pereira Lage - *Evocações históricas do liberalismo em Raul Brandão*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 2. 2020. 93-114. DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10\\_2a5](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10_2a5)

anos e a partir das quais Raul Brandão redige os dois primeiros tomos das suas” *Memórias*, “deixando um terceiro inacabado” (Reynaud, 2008).

Já segundo Rios Portela, é em “El-Rei Junot” (1912), um dos primeiros trabalhos historiográficos de Brandão, que enuncia a sua conceção da História como drama humano: “A história é dor, a verdadeira história é a dos gritos [...]. A verdadeira história é imaterial; é [...] a história da consciência humana que pouco e pouco se aproxima de Deus” (Brandão, 2007: 23). Esta obra (nem romance histórico, nem biografia) permite observar que, na sua narrativa da matéria histórica, ao invés dos modelos positivista e romântico da história de Portugal do século XIX “os monumentos são abalados, as bases do edifício nacional soçobram, restando ao escritor compor o homem português em seus conflitos [...] Brandão afasta-se de um marco institucional de conceção da história para abraçar os agentes de uma história em ruínas”. (Portela, 2012a: 101-118).

A prática historiográfica de Raul Brandão, caso singular na literatura portuguesa, constrói-se em hibridismo nos limites da expressão literária, numa narrativa fluída entre literatura e história, de elevado valor e qualidade estética, dimensão que importa relevar, a par das virtualidades da sua investigação exigente, mormente, sobre o significado do Liberalismo e da I República na história de Portugal que dessedimenta. Na sua função de autor literário e não como historiador profissional, que nunca se pretendeu, é patente a presença da matéria histórica que sempre o atraiu, de forma (in)direta, sem obstruir as potencialidades literárias de sua escrita.

Aliás, da receção e recensões críticas que mereceram o seu prefácio e notas de teor historiográfico sobre “O cerco do Porto...”, quando da sua publicação, em 1914-1915, se extrai que o reconhecimento do estatuto de grande escritor de Brandão não subalterniza a afirmação do elevado valor de sua prática e perceção historiográficas.

No entanto, o conhecido biógrafo de Raul Brandão, Guilherme de Castilho (1982: 9-10), afirma: “De facto, se na história da nossa literatura existe escritor em que se congreguem os traços marcantes do que se poderia chamar o anti-historiador, esse escritor é por certo Raul Brandão”. O mesmo não corrobora, porém, a reconhecida autonomia da produção de cunho historiográfico no todo da obra brandoniana, quando afirma: “Assim, de certa maneira, a sua obra histórica é a continuação, o prolongamento, na dimensão histórica, da sua obra dita novelística. Se esta é uma tentativa de sondagem do humano no plano intemporal, aquela é um prolongamento dessa mesma sondagem com raízes no

Maria Otília Pereira Lage - *Evocações históricas do liberalismo em Raul Brandão*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 2. 2020. 93-114. DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10\\_2a5](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10_2a5)

passado”. (Castilho, 2006:319). De certa forma, a crítica literária sustenta ser pontual a produção de cunho histórico do escritor e mostra-se relutante em admitir a feição híbrida de parte significativa da produção escrita de Raul Brandão, podendo sinalizar-se esta lacuna nos estudos brandonianos (Marinho, 2003:91-103).

Entende-se assim, que nada se ganha em compreensão, enveredando por uma leitura crítica que distancie Brandão das suas faculdades de historiador ou de apreciador e conhecedor crítico da matéria histórica, com a qual trabalha na sua prosa historiográfica, a componente histórica, inédita até então. Nele, as fronteiras entre literatura e história são fluídas e a presença da matéria histórica não elimina as potencialidades literárias do texto onde se inscreve, pois que nele a “latência histórica está presente desde os primeiros escritos” (Portela, 2012a: 101-118), e a propensão historiográfica (necessidade de escrever/pensar a história) encontra-se no cerne da sua escrita dialógica (Lage, 2019:165-183).

Não deixa, porém, de ser difícil estabelecer o equilíbrio entre pesquisa e matéria histórica e a natureza essencialmente literária do texto brandoniano, evidente noutras produções do escritor. Crê-se ter sido Jacinto do Prado Coelho (1996)<sup>4</sup> o primeiro a estabelecer uma intrínseca relação entre o que se pode designar por levantamento dos vencidos e o tempo histórico em que Raul Brandão escreveu parte significativa de sua produção literária, olhando sempre para passado, presente e futuro. A sua vivência da catástrofe da participação portuguesa na I Guerra Mundial levou-o a refletir e escrever memorialística e criticamente sobre este acontecimento histórico, em suas “Memórias”, com uma conceção não linear do processo histórico e do progresso (Lage, 2018: 148-162).

Ao alicerçar a sua prosa historiográfica na pesquisa e crítica dos documentos, Raul Brandão, conhecedor das obras de historiadores e outros pensadores, nacionais e estrangeiros, como por exemplo Luz Soriano, Teófilo Braga, Pinheiro Chagas, Alexandre Herculano, Oliveira Martins e Sampaio Bruno, seu “maître-à-penser”, tal como sua biblioteca pessoal atesta<sup>5</sup>, aproxima-se em grande medida desta asserção historiográfica

---

<sup>4</sup> COELHO, Jacinto do Prado (1996), “*O Húmus de Raul Brandão, uma obra de hoje*” in *A Letra e o Leitor*. 3ª. ed. Porto, Lello & Irmão Editores, pp. 295-301.

<sup>5</sup> Na Biblioteca de Raul Brandão, na Sociedade Martins Sarmiento (Guimarães), existem as principais obras do historiador Oliveira Martins. “Inventário da Biblioteca Raúl Brandão”, *Revista de Guimarães*, Jan.-Dez. 1979, vol. LXXXIX. Biblioteca pp. 433-517.

Maria Otília Pereira Lage - *Evocações históricas do liberalismo em Raul Brandão*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 2. 2020. 93-114. DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10\\_2a5](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10_2a5)

recente: “A história só é feita recorrendo-se a uma multiplicidade de documentos e, por conseguinte, de técnicas” (Le Goff, 2001:2 7), o que torna a rede textual brandoniana ainda mais densa e complexa (Lage, 2018: 148-162).

## 2. Evocação/invocação histórica do liberalismo em Raul Brandão: Sequências

“Como verá, é um quadrinho das lutas liberais em que aproveitei toda a minunçalha histórica a que pude deitar o harpão. E o caso é que me apaixonei pelo género. — Estou resolvido, logo que me reforme e me instale, a explorar essa veia do começo do século XIX em livros romaneados. Da história de Portugal é esse o período que sinto — tão agitado, tão ansioso, e cujos gérmes ainda revolvem o nosso coração no século XX. Hoje temos mais civilização — ou mais lábia, coisa a que chamam cultura; mas naquele tempo havia mais coração ao pé da boca e uma sofreguidão de justiça que parece desterrada das almas”. (Carta de Raul Brandão a Vitorino Nemésio In “Correspondência”)

“Agora delicio-me relendo o seu Gomes Freire.... Ainda terá por aí elementos que me sirvam ou pistas que me indique? Sinto que esta ideia de romancear o liberalismo me está agarrando pelos cabelos.” (Carta de V. Nemésio a Raul Brandão, In “Correspondência”)

Após a morte de seu mestre e amigo Brandão que visitou na casa do Alto em Nespereira-Guimarães, Nemésio, lecionando em Bruxelas, dedicaria à memória do escritor e à sua viúva, Maria Angelina Brandão, o volume de contos “A Casa Fechada” (1937), e dez anos depois, incluiu-o em “A Terra e o Homem” (1947), antologia literária para leitorados de português em universidades estrangeiras, com páginas de crítica que indiciam uma releitura integral da obra brandoniana.

Como Raul Brandão anunciara nessa carta ao amigo escritor açoriano será só depois da sua “passagem à reforma, em 17 de Fevereiro de 1912” (Costa, 2017: 119-158) que irá publicar “El-rei Junot” (1912), surgido a seguir à revolução republicana e logo acompanhado de outras duas evocações históricas também importantes a nível literário: “A Conspiração de 1817” (1914) e “Prefácio e Notas” a “O Cerco do Porto...” (1915). Estes três trabalhos versam acontecimentos fundadores do liberalismo nacional, desde o dealbar da revolução liberal de 1820 (Lage, 2020) até à sua afirmação em 1834, com o estabelecimento do sistema monárquico-constitucional português após convulsões e guerra civil subsequentes à vitória do primeiro pronunciamento liberal.

A sua formação e experiência de militar de carreira, mas também a modernidade da sua recusa de uma categorização rígida de géneros literários plasmam-se nestas obras

Maria Otília Pereira Lage - *Evocações históricas do liberalismo em Raul Brandão*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 2. 2020. 93-114. DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10\\_2a5](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10_2a5)

de natureza híbrida sobre ambientes históricos concretos, designadamente em “A Conspiração de 1817” (1914), com 2ª edição sob o título “1817- Conspiração de Gomes Freire de Andrade” (1917), ano de seu centenário, narrativa “militarmente conhecedora e minuciosa” (Costa, 2017: 249-281) do passado heroico e dos valorosos feitos de Gomes Freire de Andrade, no ambiente político-militar da Europa da época.

“Intelectual no entre séculos” (Portela, 2014), Raul Brandão deixou em toda a sua obra, em géneros e estilos diversos, códigos e referências de mundos e tempos que a ficção, urdida em memórias, testemunhos e notas minuciosas, abarca e evidencia, mesmo quando sem compromisso explícito com a verdade dos factos, do real e da história, que nunca ficcionaliza. Porém, o seu “confronto com uma realidade desconhecida, e por vezes brutal, leva-o a refugiar-se no sonho, espaço de resistência inexpugnável que se tornará um tema maior na sua obra” (Reynaud, 2008), numa atração pelo messianismo histórico. À luz da filosofia da história de Walter Benjamin, entende-se este como uma força transformadora e não uma categoria teológica abstrata.

A questão social, marcada pela expressão estética expressionista e uma ética de pendor existencialista, impregna toda a sua obra de invulgar atualidade, expressando-se na insaciável busca de verdade e justiça social para os esquecidos da história. Crítico dos valores utilitaristas e poderes dominantes, especialmente atento à paisagem material, social e humana, Brandão foi um dos escritores portugueses que melhor representou, na sua escrita intemporal, a história profunda e anónima de Portugal no período conturbado da viragem de oitocentos para o séc. XX e as grandes mudanças políticas, sociais, culturais, ideológicas, literárias e estéticas da sociedade portuguesa do seu tempo.

Decorrem desta apresentação genérica, alguns *insights* que permitem enunciar as seguintes ideias-força de Brandão transversais à sequência dos seus trabalhos de componente histórica com enfoque no liberalismo, desde o advento vintista à sua afirmação pós-guerra civil: a) o enfoque no lastro de miséria que as disputas dos poderosos sempre deixam; b) a espectralidade que assombra os sucessivos acontecimentos e seus protagonistas; c) a visão messiânica de que um dia os desgraçados não deixarão que o seu destino fique por mãos alheias. Por sua vez, estas ideias-chave impregnam uma textualidade de múltiplas dimensões: militar, política, social, económica, cultural e histórica.

## 2.1. “El-rei Junot” e a compulsão da história em Raul Brandão

Brandão que “tem por intuito narrar os agentes das invasões napoleónicas, estrutura El-Rei Junot” (1912) “em torno da tensão entre vencedores e vencidos” (Portela, 2012a: 105), tomando sempre partido pelos destinos do povo. Com esta ideia latente, traça numa virtualidade criativa entretecida no plano histórico, quadros de eventos político-militares das forças em confronto, cenas de conjunto da corte e realza de partida para o Brasil, aspetos da sociedade fútil da época e seu reverso, panorâmica da sociedade em geral e instituições, ambiências socioculturais, retratos impressionantes de protagonistas dominantes ou painéis de atores sociais obscuros, como o povo oprimido e sofrido, massas anónimas que se agitam, hordas e bandos que se põem em marcha.

Muita da informação factual mobilizada pelo escritor foi recolhida em documentação esparsa da época: depoimentos, cartas, “papéis íntimos”, diários, documentos oficiais de alfândegas, recebedorias e outros departamentos do estado, registos policiais, para além do acervo documental talvez mais importante de que se serviu – relatórios e documentos secretos da Intendência de Pina Manique, figura repressiva assim sugerida por Brandão: “estou a vê-lo exclamar” (Castilho, 2006: 343-345; 333).

Logo na introdução desta obra, Raul Brandão esclarece-nos, no plano das “consciências”, sobre a sua mundivisão da história onde aflora a espectralidade tendo como vetor um futuro messiânico, anseio coletivo de justiça “natural e social” dos “desgraçados”:

“A verdadeira história é imaterial [...] Quando o pobre pôde ver as iniquidades, de ordem natural e social, que o separavam da vida, a revolução começou (dessa mescla furiosa de ódios e tentativas frustradas, há-de sair o futuro, isto é - a Justiça. A pior revolução está ainda por fazer – é a dos desgraçados. [...] O passado é um cenário e o futuro, que já está nas consciências, não se pôde ainda exteriorizar” (BRANDÃO, 1974: 13-14)

Guilherme de Castilho, conhecido biógrafo de Brandão, numa extensa e detalhada leitura analítica de “El-rei Junot” (2006:329-351), ainda que restritiva quanto à complexidade da conceção brandoniana da história, salienta que a “visão que o autor tem da época em que se situa o seu livro, das personagens, dos cenários, dos atos e das intenções é, pode dizer-se, uma verdadeira ‘análise espectral’: a decomposição desmistificadora, anti-romântica e anticonvencional do passado”, a qual assenta, por sua vez, em “sínteses de surpreendente acuidade e adequação que pressupõem conhecimento e íntima compreensão da época e da sociedade que retrata”.

Maria Otília Pereira Lage - *Evocações históricas do liberalismo em Raul Brandão*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 2. 2020. 93-114. DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10\\_2a5](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10_2a5)

Com base nesse denso conhecimento, Raul Brandão, no epílogo de seu “El-rei Junot”, onde afloram conotações culturais do romantismo (Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Rousseau...) e uma linguagem de grande simbolismo, expressa a sua fé inabalável numa história que “já está nas consciências, mas não se pôde ainda exteriorizar”. E logo a seguir explicita: “Mas nem tudo se perde: alguma coisa de amargo – dúvida ou cólera – ficou na consciência colectiva, que há-de desentranhar-se no futuro em novos gritos [...] Da guerra ficaram as paredes denegridas e um ar novo circulando entre as ruínas. O quadro exige agora traços rápidos e antes a raiz das coisas que a aparência das coisas” (Brandão, 1974: 307).

Nesta inovadora obra historiográfica, considerada “imprescindível para a abordagem de *Húmus*” (Machado, 1984: 85), sua obra-prima e clássico da literatura portuguesa, Raul Brandão revisita, por dentro e ao vivo, numa narrativa da temporalidade, à maneira de Proust (seu contemporâneo), este período crucial da história nacional oitocentista que problematiza numa visão crítica de seu próprio tempo histórico conturbado, fazendo uso de interpelações cúmplices autor - leitores.

De acordo com a análise de Otávio Rios Portela, estudioso brasileiro de Raul Brandão na interface história e literatura, a narrativa brandoniana abre-se para a necessidade histórica: à história como ornamento sobrepõe-se a história como forma, como matéria dramática. E, na mesma linha de entendimento, a narrativa de Brandão em “El-rei Junot” pode:

“configurar-se como proposta de leitura historiográfica dos extremos, repleta de momentos dramáticos, assim como, na sua constituição, abandona o protótipo do herói do romance romântico, individualizado e psicologicamente lapidado. [...] De certa forma, a escritura de Raul Brandão afasta-se de um marco institucional de concepção da história para abraçar os agentes de uma história em ruínas [...] desmonumentalizando a história, buscando a rutura com o viés positivista que norteia a prática historiográfica no século XIX” (Portela, 2012a: 101-118)

## **2.2. “A Conspiração de 1817” (1914), obra “meramente documental”?!**

“Vida e morte de Gomes Freire”, como é hoje mais conhecido este livro de Raul Brandão que o próprio considerou, em nota de rodapé, “meramente documental”, teve três edições em vida do autor. O título “A Conspiração de 1817” da 1ª edição (1914) foi alterado para “1817: A Conspiração de Gomes Freire”, na 2ª edição (1917), tendo-se mantido na 3ª edição (1922). Sabe-se que “num exemplar de trabalho da 3ª edição, Brandão introduziu correções e acrescentos com vista à 4ª edição, na qual o título deveria

Maria Otília Pereira Lage - *Evocações históricas do liberalismo em Raul Brandão*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 2. 2020. 93-114. DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10\\_2a5](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10_2a5)

passar a *Vida e morte de Gomes Freire*” (Brandão, 1990:13). Porém, só depois da sua morte, em 1930, e por força da campanha antiliberal da ditadura salazarista, essa edição, já póstuma, de “Vida e morte de Gomes Freire”, será publicada em 1987, com prefácio de Vítor Sá, e reimpressa em 1990. Em 2007, sai nova edição de “Vida e morte de Gomes Freire” (Lisboa: Relógio de Água), da responsabilidade de Fátima Marinho.

Esta obra, inegável referência documental e histórica, onde Brandão reconstitui em pormenor, com indagação perspicaz e reflexão crítica, “A Conspiração de 1817” e a figura de Gomes Freire de Andrade, narrativa de subtil valor literário, escrita com dispositivos desconstrutivos, constitui, ainda hoje, uma das mais sérias avaliações desse momento histórico nacional, prenunciador do liberalismo português instaurado há dois séculos, pela Revolução de 1820. Essa primeira manifestação político-militar malograda do liberalismo nascente em Portugal, protagonizada pelo desafortunado general Gomes Freire de Andrade, inicialmente pretexto de violenta forma de consolidação do poder absolutista vigente e logo a seguir, bandeira da revolução liberal, seria objeto de uma dezena de outros trabalhos de diversos autores publicados entre 1881/87 e 2017.

Este livro inovador de Brandão é, no contexto histórico da sua escrita, um trabalho de grande probidade historiográfica e rigorosa caracterização da figura política, militar e ideológica de Gomes Freire, que foi alvo, nas primeiras décadas do século XX, da célebre campanha de “revisão histórica” ultraconservadora do Integralismo Lusitano, agrupamento monárquico e tradicionalista. O seu mais influente doutrinador, António Sardinha (1887-1925), apelidou o desafortunado general de “mau soldado”, “mau patriota”, “mau character”, “intriguista”, “caluniador”, “gabarola” e “jactancioso”. Nessa ambiência, é de realçar a corajosa atitude intelectual de Raul Brandão, em 1913, quando escreve este livro sobre o general Gomes Freire, propondo “o reconhecimento de valores postos em causa e ao interpretar factos históricos exactamente ao invés do que estava a ser feito” (Castilho, 2006: 356), de forma retrógrada e antiliberal.

A estrutura de construção desta obra de Brandão, editada cinco anos após Teófilo Braga, seu contemporâneo, ter publicado o drama histórico “Gomes Freire” (1907), revela-se como nada linear nem convencional, mas sim de invulgar inovação em sua heterodoxia e hibridismo, resistente a qualquer forma de categorização (Castilho, 2006: 353-360).

Maria Otília Pereira Lage - *Evocações históricas do liberalismo em Raul Brandão*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 2. 2020. 93-114. DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10\\_2a5](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10_2a5)

Na verdade, desafiadora de categorias, regras, convenções, dogmas e dualidades, qual força subversiva e criativa, esta obra organiza-se em dez capítulos articulados numa lógica abductiva – inferência contrastante com a dedução e a indução, onde a conclusão é possível ao invés de necessária (dedução) ou provável (indução) –, à maneira da investigação e pensamento de Edgar Allan Poe, cujas obras policiais principais se encontram na biblioteca pessoal de Brandão. Os títulos breves dos capítulos, ora são indicativos do tipo de documentos transcritos (cap. II – *Cartas*, cap.VI – *Inicia-se o processo*, cap. VII – *O processo*) ora expressam na narrativa, em sequência, a urdidura do acontecido (cap. I – *Campanhas*, cap. III – *Pela Liberdade*, cap. IV – *Vida íntima*, cap. V- *Hum principalmente*, cap. VIII – *Um homem de estado*), só depois se despoletando a trama (cap. IX – *Mistério*) e o desfecho final (cap. X – *Felizmente há luar...*). Por sua vez, a dinâmica da composição da escrita da obra é assegurada em dois movimentos: um dirigido ao futuro, outro ao passado, através de remissões de messianicidade projetadas dos finais de capítulos – ex. “enforcam-no” (*Campanhas*) e “1820” (*Pela Liberdade*) – ou remissões de espectralidade retrojectadas por retração entre os capítulos (*Mistério*), (*Hum principalmente...*) e (*Um homem de estado*).

Observe-se que Brandão, além de romancista era também dramaturgo, conhecedor de Shakespeare e outros clássicos (como também sua biblioteca pessoal documenta) – condição e qualidade que aqui se manifestam nos expressivos quadros e ambientes sociais, políticos e quotidianos de grande força dramática e forte inspiração dramaturgica.

Convém ainda ter presente que Raul Brandão pertenceu à geração contemporânea da crise social que acompanhou a I Guerra Mundial e do novo mundo que já se pressentia, vivências múltiplas reveladas na sua vida-obra. Estavam então em causa a consolidação da República com suas instituições, os impactos bélicos, Movimentos Anarquistas e Correntes do Socialismo, a Reação de forças retrógradas, para além de outras transformações político-sociais que agitaram a transição de Oitocentos para o século XX. O contexto europeu de crise civilizacional e cultural culminando com as duas guerras mundiais, avizinhava-se desse limiar ideológico em que viveu o autor e, até certo ponto, ajuda a explicá-lo e à sua obra. Assim Brandão, “desgarrado historiador do sentimento e da miséria” (Sampayo,1969: 62), privilegiou o estudo e a escrita de momentos de caos, angústia e ansiedade, reflexo de guerras e revoluções, temas sombrios e sentimentos trágicos que as vanguardas heterógenas do expressionismo elegeram em suas obras

Maria Otília Pereira Lage - *Evocações históricas do liberalismo em Raul Brandão*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 2. 2020. 93-114. DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10\\_2a5](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10_2a5)

artísticas e literárias de elevada densidade. Indo sempre mais além, como agora se nos permite, não se pode deixar de compreender a obra brandoniana com traços elementares do Expressionismo, bem como o seu universo a que são caros sentimentos como o grotesco, a morte e a angústia, na proximidade dos contextos de crise e das conceções artístico-literárias e filosófico-existenciais correlacionadas com a estética surrealista.

### **2.3. O Cerco do Porto contado por uma testemunha o coronel Owen. Prefácio e Notas de Raul Brandão**

Pouco antes das comemorações no Porto do 1º centenário da Revolução Liberal de 1820, Raúl Brandão decidiu “ressuscitar” a versão portuguesa deste livro, inaugurando em 1915, a Coleção “Biblioteca Histórica” das Edições da Renascença Portuguesa, Porto, movimento cultural e cívico multidisciplinar de cultura e ideias, empenhado na mudança das mentalidades em Portugal e pioneiro da edição literária de obras sobre a I Guerra Mundial. Ainda na Renascença Portuguesa foram publicadas outras edições da obra historiográfica e memorialística de Brandão: “El-rei Junot”. (1ª ed., 1912); “A Conspiração de 1817”. (1ª ed-1914) e “Memórias” (1º vol. - 1919, 2º vol. - 1925 e 3º vol. - 1931)<sup>6</sup>.

#### **2.3.1. Aproximação ao cerco do Porto**

No seu prefácio a este livro, Raul Brandão introduz-nos neste acontecimento histórico fundamental para a vitória do liberalismo português, começando por refletir sobre a conjuntura europeia da época ao mesmo tempo que evoca memórias pessoais e convoca protagonistas históricos anónimos:

“Tudo isto que hoje nos parece minúsculo e longínquo diante da calamidade que revolve a Europa se passou entre os quatro muros da nossa casa. Eu sou tripeiro. E, como já disse, ouvi muitas vezes esta história contada por minha avó na casinha sobre o rio, o que se não esquece... Por isso todas estas figuras me impelem: estão à minha roda o soldado, a filha shakespeareana, que morreu assombrada, com os olhos de espanto que ainda hoje enchem de aflição – e sem ter compreendido – e sem ter compreendido!...Esperam outras, outras ainda...” (Brandão, 1915: 43).

---

<sup>6</sup> Foram também editados na *Renascença Portuguesa*, os historiadores Jaime Cortesão, Damião Peres - “Noções de História de Portugal”, António Sérgio - “Educação Cívica”, “Considerações histórico-pedagógicas”, para além de outros autores e estudos de grandes figuras do pensamento contemporâneo português. Cfr. *A Águia*. Porto, Renascença Portuguesa, 1912-1932.

Desde 9 de julho de 1832 até agosto de 1833, a cidade do Porto, sitiada e exaurida, foi palco de uma guerra fratricida entre liberais e absolutistas. A população e as forças liberais, no meio de baterias, fortins, redutos e paliçadas resistiram, heroicamente, “aos bombardeamentos e tentativas de rompimento das defesas pelas muito superiores forças miguelistas, todavia incapazes de partir a carapaça do exército [...] que a protegia” (Silva, Int., 2010). Travou-se então no Porto, “cidade da liberdade” uma batalha desigual “entre um punhado de exilados liberais, ajudados por França e Inglaterra, e a esmagadora maioria da nação, apoiada num exército regular de mais de 80.000 homens” (Marques, 1996: 453). Foram 13 meses quase diários de carnificina, fome, peste (cólera), hospitais lotados, terror e morte para os portuenses. Por fim, a 8 de agosto de 1833, a ofensiva do exército liberal no setor oriental das linhas do Porto pôs termo ao cerco da cidade, com a vitória das forças liberais que registaram, durante o cerco, cerca de 3.500 baixas (mortos, feridos e prisioneiros), enquanto as forças miguelistas perderam à volta de 23.000 homens.

O cerco do Porto (1832-1833), a que pôs fim a resistência heroica do povo anónimo que culminou na vitória liberal, marca o momento em que “acaba o velho Portugal e começa o novo”, no dizer de Almeida Garrett, um dos “bravos do Mindelo” que aí combateu, ao lado dos liberais, entre outras figuras destacadas, como Alexandre Herculano, Joaquim António de Aguiar, Simão Luz Soriano, etc. Diminutas, mas corajosas forças liberais dispuseram-se “a libertar Portugal contra um exército de 80 mil, de natureza regular, devidamente equipado e instalado no país. Uma aventura própria do romantismo do tempo e dos fortes apelos à luta pela liberdade!” (Alves, 2010: 43-59). Trata-se de um episódio capital das Guerras Liberais, em que os processos políticos de D. Miguel “envolveram cerca de 10.000 pessoas, dos quais 26 réus enforcados em 1829, e centenas de presos, que jazeram nas masmorras até à vitória do liberalismo em 1834, alguns entretanto nelas falecidos” (Pereira, 2018: 150).

À época do Cerco do Porto, registava-se em Portugal a presença de militares ingleses, aqui instalados desde as invasões napoleónicas. Neste estrato social estrangeiro, favorável às ideias liberais, juntavam-se às motivações político-militares, vontades de fama, glória, carreiras de prestígio e vantagens comerciais na exploração das colónias portuguesas, por parte de altas patentes militares britânicas. Alguns destes estrangeiros deixaram escritas em inglês as suas memórias da Guerra Civil (1828-1834),

Maria Otília Pereira Lage - *Evocações históricas do liberalismo em Raul Brandão*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 2. 2020. 93-114. DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10\\_2a5](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10_2a5)

designadamente estas duas conhecidas e estudadas por Brandão: Hugh Owen. “The Civil War in Portugal and the Siege of Oporto” (1836), Charles Napier. “An Account of the War in Portugal Between D. Pedro and D. Miguel” (1836). A edição e posterior reedição da versão portuguesa de “O Cerco do Porto contado por uma Testemunha: o Coronel Owen” é exemplo único de abertura a esses relatos de militares britânicos, das convulsões entre absolutistas e liberais, confrontos constitucionalistas e cartistas, em que perpassam *representações socioculturais* da sociedade britânica da era vitoriana – indício evidente também na narrativa militar e memorialística de Owen.

### 2.3.2. “O Cerco do Porto...” por Raul Brandão, prefaciador e anotador

A obra liberal de 1834 – convém nunca o perder de vista – foi inteiramente semelhante à obra republicana de 1910. Nos homens d’essas duas invasões, é idêntico o espírito de violência, d’anarchismo e de extorsão. (...) o caminho não é para trás mas para diante. Para pior? Para melhor? Para diferente. A liberdade é-nos já tão necessária como o ar que respiramos (Brandão, 1915, p. 22, 35)

A epígrafe traça o caráter aporético da situação em que se encontra o sujeito da enunciação, Raul Brandão, vivenciando acontecimentos da República em reflexão histórica político-ideológica, enquanto que, evocando a obra liberal de 1834, expõe o testemunho histórico sobre o cerco do Porto, narrativa homodiegética do militar britânico Owen deste acontecimento fulcral para a implantação do liberalismo nacional. O enunciado do texto brandoniano que responde à pergunta subjacente (não há caminho?) é: “o caminho não é para trás mas para diante”, tendo como seu único bordão: “a liberdade é-nos já tão necessária como o ar que respiramos”.

Referindo-se depois às figuras militares e civis intervenientes nessa “guerra dos dois irmãos”, Brandão vai anotar: “quase lidei com todos estes fantasmas”, no que se indicia o seu modo de reconstituição do passado, em que valoriza a dimensão testemunhal, da memória e da “espectralidade” (Derrida, 1994)<sup>7</sup>, noção relevante para a compreensão da sua conceção de escrita da história.

Como melhor se compreenderá pelos apontamentos inéditos do espólio de Raul Brandão<sup>8</sup>, base relevante do significativo conjunto de notas ao corpo do texto, que com o

<sup>7</sup> Cfr. DERRIDA, Jacques (1994), *Spectres de Marx. L’État de la dette, le travail du deuil et la nouvelle Internationale*. Paris, Galilée.

<sup>8</sup> O espólio e biblioteca pessoal de Raul Brandão foram doados em testamento à Sociedade de Martins Sarmento (Guimarães), onde se encontram e cuja consulta se agradece a esta instituição.

Maria Otília Pereira Lage - *Evocações históricas do liberalismo em Raul Brandão*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 2. 2020. 93-114. DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10\\_2a5](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10_2a5)

prefácio enriquecem a narrativa de Owen, cuja versão portuguesa original, Brandão corrigiu a nível formal e linguístico, resultaram de uma investigação rigorosa de fontes e documentos que o escritor empreendeu sobre a factualidade desta narrativa, que seguiu, escrupulosamente, como testemunho que era, com independência crítica e percepção aguda do maior rigor. Haja em vista os numerosos e detalhados apontamentos do autor onde, para além da referência a historiadores como Pinheiro Chagas, Luz Soriano, etc., títulos de periódicos constitucionais e miguelistas, e notas sobre vários temas alusivos aos antecedentes e factos do cerco do Porto, se inclui, por exemplo, o estudo das Cortes de 1820 que o obrigou à leitura árida mas metódica de milhares de páginas dos “Anais da Regência”<sup>9</sup>. Estes manuscritos inéditos constituem um contributo decisivo para avaliar a exigente prática de arquivo e investigação documental em que assenta este trabalho historiográfico de Brandão, bem como o seu peculiar exercício do método histórico (heurística, crítica e hermenêutica)<sup>10</sup>.

É de realçar que o trabalho desenvolvido por Brandão sobre estas memórias de um estrangeiro, em sua historicidade própria, antecipa, de modo pioneiro, o preceito da probidade intelectual a aplicar a um documento histórico, em regra de base testemunhal. Ao não ignorar a hipótese de perjúrio ínsita em qualquer testemunho, Brandão orienta o seu ensaio historiográfico para a análise do contexto da memória e da narrativa, e assim, dissipando qualquer dúvida, garantir a integridade e valor único do testemunho, numa genial percepção *avant la lettre* de “que ninguém é testemunha de uma testemunha” (Celan, 1980), abertura e contribuição relevante para o ofício do historiador.

Ao mesmo tempo, o prefácio de Brandão revela ainda a textualidade da experiência da “realidade” histórica, social, económica e militar vivenciada pelo Autor, assombrado pelos espectros das terríveis convulsões por que passou a afirmação do liberalismo face aos desmandos dos poderosos na despudorada defesa dos conflituantes interesses próprios que assombram a sua época. Torna-se então este prefácio peça histórica invulgar, ao colocar na charneira da sua análise os que sofrem, mas confiante numa liberdade arduamente conquistada e repetidamente tripudiada, onde se possa vir a

---

<sup>9</sup> Espólio de Raul Brandão. Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães. [O] cerco do Porto: [apontamentos]. s.d., s.l., 27 f., aut. Nota: incluso em caderno de apontamentos. D2/811. (Inventário, p.5).

<sup>10</sup> Cfr. LAGE, Maria Otília Pereira (2019), “O Cerco do Porto contado por uma testemunha: o coronel Owen. Evocação e matéria histórica em Raul Brandão”. *Revista de Guimarães*, Vol. 129, pp. 83-103.

Maria Otília Pereira Lage - *Evocações históricas do liberalismo em Raul Brandão*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 2. 2020. 93-114. DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10\\_2a5](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10_2a5)

realizar, por entre “as ruínas”, “o sonho” da sua visão messiânica da História, em que “a realidade difere sempre do sonho sobretudo pela dor” (Brandão, 1915: 39).

Em síntese, na sequência destes trabalhos brandonianos de vocação historiográfica, assomam elementos fundadores da cosmovisão e consciência histórica e social de Raul Brandão, em cujos fundamentos subsistem ecos do *theatrum mundi*, impregnados de uma distanciação evidente face ao historicismo clássico e ao *continuum* da história dos opressores. Atente-se na emergência de elementos de ética e política, próximos da filosofia da história de Walter Benjamin, onde “a redenção messiânica e revolucionária é uma tarefa que nos é atribuída pelas gerações passadas”, como é assim sintetizada:

“Confrontamo-nos aqui com uma forma de pensar que integra a ‘imobilização’, a suspensão e a cesura, o corte, como princípios fundamentais do próprio pensamento [...] que contém uma intensidade destrutiva – e, nesta medida, o gesto da dissidência e da rutura – e simultaneamente salvadora, sabendo que as coisas só poderão ser redimidas sobre as suas próprias ruínas” (Cantinho, 2017: 130)

Deve-se então perguntar: que “rastros” podem os historiadores encontrar em Raul Brandão cuja *praxis* e mundivisão da história se pode considerar que “funciona com história, não simplesmente dentro ou fora da história” (Gaston, 2018), para, na sua peugada, pensar e escrever uma história problematizadora?!

Associa-se a noção de “rastros” a “uma ação [que] deixa um ‘rastro’, põe sua ‘marca’ quando contribui para a emergência de tais configurações que se tornam os documentos da ação humana. [...] A história é esta quase - ‘coisa’ em que a ação humana deixa um rastro, põe a sua marca.” (Ricoeur, 1989: 195-196).

Neste sentido, a prosa historiográfica de Raul Brandão revela uma textualidade que cobre, atravessando-as, a economia, a política, a sociedade, instituições diversas e a própria narratividade histórica. Aí, o passado, apropriado textualmente, sujeito ao trabalho da imaginação e mesmo da criatividade, assunção da ficcionalidade interna ao texto, permite questionar os limites do conhecimento histórico face às exigências do tempo presente.

Na verdade, “*a questão essencial não é encontrar subjacente ao texto, a intenção perdida, mas expor face ao texto, ‘o mundo’ que ele abre e descobre*” (itálico no original) (Ricoeur, 1990: 61-62).

### 3. Escrita historiográfica em Raul Brandão e “Desconstrução”

Maria Otília Pereira Lage - *Evocações históricas do liberalismo em Raul Brandão*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 2. 2020. 93-114. DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10\\_2a5](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10_2a5)

“Sendo o evento um concentrado espaciotemporal, a sua narrativa situa-se sempre entre contextos, como meio histórico e configuração histórica. Esta deslocação do contexto que permanece sempre aberto, insuficiente e falível, regista a própria possibilidade de uma escrita que pode ser repetível e legível noutra (s) contexto (s) e descreve o estatuto habitual dos documentos e arquivos” (Gaston, 2018).

Nas considerações em epígrafe, Sean Gaston, filósofo e historiador contemporâneo, adota a definição derridiana de que a “desconstrução é o que acontece”, e sinaliza o campo “aberto, insuficiente e falível” a que a narrativa sempre repetível de um evento está condicionada, pelo estatuto tradicional dos arquivos e documentos e pelo respetivo meio e configuração histórica que proporcionam a legibilidade de sua escrita, de contexto para contexto.

O mesmo autor vê o trabalho de diálogo com a história, do filósofo e pensador de charneira Jacques Derrida<sup>11</sup>:

“como o imperativo cauteloso para um novo tipo de historiografia, para uma historiografia desconstrutiva que reconhece as tradições e protocolos da escrita histórica e ainda exige outros pontos de vista, novas questões críticas e novas estratégias de resistência que vêm de repensar filosofia e história juntas. Mas a história ainda permanece um problema” (Gaston, 2018: 298).

Os princípios assim enunciados, de importância matricial para a análise interpretativa que se tentou fazer, são ilustrados pelo modo contextual, documentalmente rigoroso, interpelativo e aberto a novas questões filosófico-históricas, como Raul Brandão procedeu na escrita destas evocações históricas dos antecedentes e afirmação do liberalismo português, que foi reformulando em sucessivas obras e suas reedições, na procura reiterada de maior inteligibilidade e questionamento. Numa especial relação com o passado reconstituído a cada pesquisa, de contexto para contexto, a escrita da matéria histórica de Brandão questiona a rigidez de uma visão linear e teleológica de história, pondo em causa “a lei da sucessão” de eventos ou estruturas, numa sobreposição de temporalidades e valorização da singularidade do acontecimento, que vê não encapsulado dissolvido na generalidade e universalidade comuns da teoria social clássica e de um historicismo do *continuum*.

É transversal à sequência destas evocações históricas brandonianas uma prática de escrita e uma conceção próxima da de W. Benjamin, de “história descontínua e figurativa, que reencontra no presente a possibilidade de reativação do passado e que

---

<sup>11</sup> Cfr. DERRIDA, Jacques (1967), *De la Grammatologie*, Paris, Minuit.

Maria Otília Pereira Lage - *Evocações históricas do liberalismo em Raul Brandão*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 2. 2020. 93-114. DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10\\_2a5](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10_2a5)

valoriza uma dimensão da temporalidade qualitativa, em lugar da temporalidade quantitativa que homogeneizava e desfigurava a leitura da história” (Cantinho, 2017: 115). O que pressupõe e possibilita que:

“O historiador consciente disso renuncia a desfiar entre os dedos os acontecimentos, como as contas de um rosário. Ele capta a configuração, em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada. Com isso, ele funda um conceito do presente como um "agora" no qual se infiltraram estilhaços do messiânico” (Benjamin, 1987: 222-232).

Na sua prosa historiográfica, Raul Brandão “sempre atento às sombras projetadas pelo evento e sobre o evento, [move-se] numa região sonâmbula da história em que emergem as camadas simbólicas do «antes do agora»”, (Silva, 2019: 163-193), onde se condensam como elementos definidores a “espectralidade” ou potencialidade do eco das vozes que nos chegam, um “messianismo” de componente ético-política e uma dimensão do “testemunho” enquanto fonte histórica.

À luz de uma percepção “desconstrutiva” que nos possibilita considerar Raul Brandão, em sua escrita da matéria histórica, original e precursor, poder-se-á repensar, interrogação de contextos, tratamento de fontes e documentos, e reequacionar formas e usos comuns da teoria e escrita da história, como abertura a novos procedimentos de análise historiográfica que atendam ao espaçamento entre “a realidade” e a escrita da materialidade histórica e à dimensão ético-política do conhecimento, tendo por referência epistemológica a articulação história-desconstrução (Gaston, 2018: 96-138).

Maria Otília Pereira Lage - *Evocações históricas do liberalismo em Raul Brandão*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 2. 2020. 93-114. DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10\\_2a5](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10_2a5)

### **Bibliografia:**

- AA. VV. (2000), *Ao Encontro de Raul Brandão* (Actas do Colóquio), Centro Regional do Porto/Universidade Católica Portuguesa/Lello Editores.
- AA.VV. (2018), *Raul Brandão, 150 anos*. Colóquio Internacional em Homenagem a Raul Brandão nos 150 anos do seu Nascimento e no Centenário de Húmus, Porto, Câmara Municipal do Porto.
- ALVES, Jorge Fernandes (2010), *História do Porto A cidade liberal Da revolução à estabilização do regime*, Matosinhos, Quidnovi, pp. 43-59.
- ANDRADE, João Pedro de (1963), *Raul Brandão, a obra e o homem*, Lisboa, Arcádia.
- BENJAMIN, Walter (1987), *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaaios sobre literatura e história da cultura*, São Paulo, Brasiliense, Vol. 1., pp. 222-232.
- BRANDÃO, Raul (Prefácio e notas) (1915), *O Cerco do Porto contado por uma testemunha, o coronel Owen*, Porto, Renascença Portuguesa.
- BRANDÃO, Raul (1917), *1817 – Conspiração de Gomes Freire de Andrade*, Porto, Renascença Portuguesa.
- BRANDÃO, Raul (1974), *El-Rei Junot*, Coimbra, Atlântida.
- BRANDÃO, Raul (2017), *O sangue*. In *Memórias*, Lisboa, Quetzal Editores, Vol. III - Vale de Josafat.
- CANTINHO, Maria João (2017), “O messianismo ou a história como dissidência na obra de Walter Benjamin”, *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, nº 5, pp. 115-132.
- CASTILHO, Guilherme de (2006), *Vida e Obra de Raul Brandão*, Lisboa, INCM
- CELAN, Paul (1980), *Poemas*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- COELHO, Jacinto do Prado (1996), “O Húmus de Raul Brandão, uma obra de hoje” in *A Letra e o Leitor*. 3.<sup>a</sup> ed, Porto, Lello & Irmão Editores, pp. 295-301.
- COSTA, António José Pereira da (2017a), “A Conspiração de 1817. Uma investigação completa”, *Revista de Guimarães*, vol. 126/127, 2016-2107, pp. 249-281.
- COSTA, António José Pereira da (2017b), “O cadete Raul Brandão”. *Revista de Guimarães*, vol. 126/127, 2016-2017, pp. 119-158.
- DERRIDA, Jacques (1967), *Dela Grammatologie*. Paris, Minuit.
- DERRIDA, Jacques (1994), *Spectres de Marx. L'État de la dette, le travail du deuil et la nouvelle Internationale*, Paris, Galilée.

Maria Otília Pereira Lage - *Evocações históricas do liberalismo em Raul Brandão*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 2. 2020. 93-114. DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10\\_2a5](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10_2a5)

GASTON, Sean (2018), *Jacques Derrida and the challenge of history*, London & New York, Rowman Littlefield Int. (Ebook, 2019)

LAGE, Maria Otília Pereira (2018), “Durante a Guerra. “Memórias” de Raul Brandão: a participação de Portugal na Grande Guerra (1914-1918). Aproximação a uma alegorização da história” in F. Moreira; O. Ribeiro; Susana Pimenta (coord.), *Portugal na (e no tempo) da Grande Guerra*. Vila Real, UTAD, pp. 148-162.

LAGE, Maria Otília Pereira (2019), “O Cerco do Porto contado por uma testemunha: o coronel Owen. Evocação e matéria histórica em Raul Brandão”, *Revista de Guimarães*, Vol. 129, pp. 83-103.

LAGE, Maria Otília Pereira (2019), “O Douro e o Pico de Raul Brandão. Aproximação dialógica” in G. Martins Pereira; M. Norberta Amorim; M. Otília Pereira Lage (coord.), *Douro e Pico, Paisagens Culturais Património Mundial*, Porto, CITCEM, pp. 165-183 [consulta em 04/12/2019]. Disponível em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/17803.pdf>

LAGE, Maria Otília Pereira (2020), “Pela liberdade. No dealbar da Revolução liberal de 1820. Gomes Freire de Andrade”. *Público*, 18 de Agosto, 200 anos da Revolução de 1820.

LE GOFF, J. (2001), *Cinq personnages d’hier pour aujourd’hui. Bouddha, Abélard, Saint François, Michelet, Bloch*, Paris, La Fabrique éditions.

MACHADO, Álvaro Manuel (1984), *Raul Brandão entre o romantismo e o modernismo*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Ministério da Educação.

MARINHO, Maria de Fátima (2003), “El-rei Junot e Vida e Morte de Gomes Freire de Raul Brandão”, *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, XX, 1, pp. 91-103.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1996), *Breve História de Portugal*, Lisboa, Ed. Presença.

MOURÃO-FERREIRA, David (1969), *Tópicos de crítica e de História literária*, Lisboa, União Gráfica

PEREIRA, Miriam Halpern (2018), “Memória e História. De traidores a mártires da Pátria. O processo político de 1817” in M. H. Pereira; A. Cristina Araújo (coord.), *Gomes Freire e as vésperas da Revolução de 1820*, Lisboa, BNP.

PEREIRA, José Carlos Seabra, Pref. (1998,1999), *Memórias Raul Brandão*, Lisboa, Relógio d' Água. Vol. I, II, III.

Maria Otília Pereira Lage - *Evocações históricas do liberalismo em Raul Brandão*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 2. 2020. 93-114. DOI: [https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10\\_2a5](https://doi.org/10.21747/0871164X/hist10_2a5)

- PIERINI, Márcia T. Secchi (2014), “Notas sobre o percurso recetivo da obra de Raul Brandão”, *Acta Scientiarum Language and Culture*, 36 (1),11.
- PORTELA, Octávio Rios (2012a), “*Raul Brandão e a Tentação histórica. Para uma leitura de El-Rei Junot*”, *Via Atlântica*, São Paulo, nº 21, pp. 101-118.
- PORTELA, Octávio Rios (2012b). *De Trapeiros e Vencidos: efabulação e história em Raúl Brandão*. Tese de doutoramento, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PORTELA, Octávio Rios (org) (2014), *Raul Brandão. Um intelectual no entre-séculos (Estudos para Luci Ruas)*, Rio de Janeiro, Letra Capital.
- REYNAUD, Maria João (2000), *Metamorfoses da escrita. Húmus de Raúl Brandão*, Porto, Campo das Letras.
- REYNAUD, Maria João (2008), “Raul Brandão [1867-1930]” in *Modernismo: Arquivo virtual da geração de Orpheu*, IELT-FCSH, Universidade Nova de Lisboa [consulta em 04/06/2019]. Disponível em <https://modernismo.pt/index.php/r/739-raul-brandao>.
- RICOEUR, Paul (1990), *Do texto à acção. ensaios de hermenêutica*, Porto, Editora Rés.
- RICOEUR; Paul (2000), *La memoire, l’histoire, l’oubli*, Paris, Seuil.
- RODRIGUES, Ernesto (2013), “Raul Brandão entre jornais”, *Delphica: Letras & Artes*, nº 1, pp. 137-146.
- ROSAS, Vasco (org.) (2013), *A Pedra ainda espera dar Flor. Dispersos*, Lisboa, Quetzal.
- SAMPAYO Nuno de (1969). “‘Os Pescadores’ de Raul Brandão: alguns traços estilísticos”. *Panorama - revista portuguesa de Arte e Turismo*. 4 s. (30), junho.
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar (1978), *História da literatura portuguesa*, 10<sup>a</sup> ed., Porto, Porto Editora.
- SILVA, F. Ribeiro da (2010), *O cerco do porto em 1832 para 1833 por um portuense*, Porto, Typ. Faria & Silva, 1840. Reprodução fac-simile, com texto introdutório de Francisco Ribeiro da Silva, U. Porto Edições.
- SILVA, Rodrigo Otávio da (2019), “A desconstrução entre os historiadores: temos algo a aprender com Derrida?” *Intelligere – Revista de História intelectual*, nº 8, pp. 163-193 [consulta em 20/09/2020]. Disponível em <http://revistas.usp.br/revistaintelligere>.